

Aula de História: um jogo de linguagens

Helenice Aparecida Bastos Rocha

Este texto representa um recorte de trabalho mais amplo, acerca das relações de ensino na aula de história, em que tematizo o problema apontado por professores, da compreensão do conhecimento histórico escolar por alunos da escola pública. Especificamente, examino as práticas orais e de escrita que ocorrem durante a aula, como lugares especiais de interação na e pela linguagem, exercício e investimento na compreensão entre professores e alunos. Aqui, analiso algumas transformações operadas no texto do livro didático¹ pela professora ao transformá-lo em resumo para ser copiado pelos seus alunos.

O tema em estudo é Roma Antiga. A professora tem 56 anos, graduada em História e pós-graduada em literatura, atuando em uma escola pública do Rio de Janeiro. A turma cursa a 6ª série do ensino fundamental. Esse resumo fez parte de uma seqüência de ensino em que a professora iniciou o ano letivo com uma rápida revisão dos conteúdos aprendidos no ano anterior, passou um desenho animado sobre o tema e passou a lançar o resumo no quadro sem comentários nas aulas seguintes, até o dia em que passou exercício de completamento de lacunas e localização de informações, já no final do mês de março, iniciando a intercalação entre essas atividades.

A rotina estabelecida pela professora nas cinco aulas iniciais (entre aulas duplas e simples) foi a de entrar em sala, cumprimentar os alunos, fazer a chamada, escrever anotações no diário de classe e dirigir-se ao quadro negro para escrever o resumo, em silêncio quase total antes, durante e depois da escrita. É o texto do resumo relativo à primeira aula deste conjunto de aulas que trago para análise, devido aos limites deste trabalho. Apresento inicialmente o texto que foi a base para a produção do resumo da professora, depois o texto tal como foi escrito no quadro e por último o texto copiado pelo aluno:

ROMA

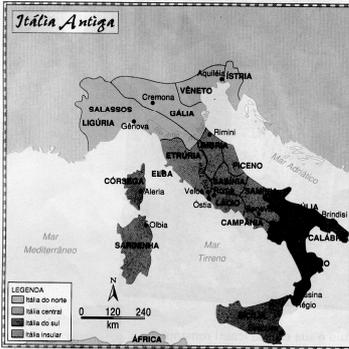
Das origens à república

Na Antiguidade, a península Itálica era dividida em várias regiões, habitadas por diferentes povos. Numa dessas regiões foi fundada Roma, que depois expandiu seu território, conquistando toda a península e outras áreas do mundo antigo.

Vejamos algumas características geográficas da península Itálica, os principais povos que a ocuparam e o surgimento de Roma.

Elementos geográficos

A península Itálica fica no sul da Europa, estendendo-se pela parte central do mar Mediterrâneo. Seu território lembra o formato de uma bota.



Na Antiguidade, a península Itálica dividia-se em quatro regiões principais:

- ♦ **Itália do norte** — estendia-se dos Alpes até o rio Rubiácio, compreendendo regiões como Ligúria, Salassos, Gália, Vêneto e Istria.
- ♦ **Itália central** — compreendia regiões como Etrúria, Úmbría, Piceno, Sabinia, Lácio, Samínia e Campânia.
- ♦ **Itália do sul** — compreendia regiões como Apúlia, Lucânia, Calábria e Brúcio.
- ♦ **Itália insular** — formada por diversas ilhas, entre elas Sicília, Sardenha, Córcega e Elba.

Povoadores

A península Itálica era habitada desde tempos pré-históricos. Posteriormente, em diferentes épocas, diversos povos instalaram-se na região. Entre eles destacam-se italiotas, etruscos e gregos.

Os **italiotas** chegaram à península Itálica por volta de 2000 a.C. e ocuparam a Itália central. Subdividiam-se em diversas tribos, como as dos latinos, dos volcos, dos équos, dos úmbrios, dos sabinos, dos samnitas etc.

Os **etruscos** chegaram à Itália por volta do século VIII a.C. Ocuparam inicialmente a região central da Itália. Depois, expandiram seus domínios até regiões do norte.

Já os **gregos** chegaram à Itália durante o movimento de colonização, em época próxima à chegada dos etruscos. Ocuparam a parte sul da península e fundaram diversas cidades (Nápoles, Siracusa, Tarento etc.), que ficaram conhecidas em seu conjunto como **Magna Grécia**.

Roma: origens

Por volta de 2000 a.C., os latinos — uma das tribos italiotas — chegaram à Itália central e instalaram-se na região do Lácio, nas proximidades do rio Tibre. Fundaram ali várias aldeias, entre elas Roma.

Posteriormente, os etruscos invadiram e conquistaram a região do Lácio. Sob o domínio etrusco, Roma consolidou-se como cidade. A partir de então, expandiu seus domínios pela península Itálica e, depois, pelas terras em torno do mar Mediterrâneo, chegando até o Oriente Médio.

A LENDA DA LOBA

Uma antiga lenda conta que Roma foi fundada por dois irmãos gêmeos, chamados **Rômulo e Remo**. Eles eram netos do rei Numitor, de Alba Longa, que foi destronado.

Ainda recém-nascidos, Rômulo e Remo foram colocados dentro de um cesto e abandonados no rio Tibre. Levado pela correnteza, o cesto com os dois irmãos parou junto ao monte Palatino. Ali, Rômulo e Remo foram encontrados por uma **lobo**, que os amamentou. Depois, diz a lenda, um pastor de nome Faustolo acolheu as crianças e cuidou de sua educação.

Quando adultos, Rômulo e Remo reconquistaram o trono de Alba Longa para seu avô. Por isso, receberam permissão para fundar Roma na região onde a loba os havia encontrado. Mas surgiu uma disputa entre os dois irmãos para decidir quem reinaria em Roma. Rômulo matou Remo e passou a reinar na cidade, fundada em 753 a.C.



Relievo esculpido em 124 a.C., que conta a origem lendária de Roma. A lenda pode ser acompanhada pela figura numa seqüência colocada no sentido anti-horário (da esquerda para a direita, de baixo para cima).

Roma

A cidade de Roma fica situada na península Itálica, ao sul da Europa. Seu território lembra o formato de uma bota.

A península Itálica era habitada desde tempos pré-históricos, mas posteriormente, em diferentes épocas, diversos povos instalaram-se na região. Entre eles destacam-se italiotas, gregos e etruscos.

Por volta de 2000 a.C., várias aldeias foram fundadas nesta região e entre elas, Roma. Mais tarde, os etruscos invadiram e conquistaram Roma. A partir de então, Roma consolidou-se como cidade expandindo seus domínios por várias

42/03/04

Roma:

A cidade de Roma fica situada na península Itálica, ao sul da Europa. Seu território lembra o formato de uma bota.

A península Itálica era habitada desde tempos pré-históricos, mas posteriormente, em diferentes épocas, diversos povos instalaram-se na região. Entre eles destacam-se italiotas, gregos e etruscos.

Por volta de 2000 a.C., várias aldeias foram fundadas nesta região e entre elas, Roma. Mais tarde, os etruscos invadiram e conquistaram Roma. A partir de então, Roma consolidou-se como cidade expandindo seus domínios por várias regiões em torno do mar Mediterrâneo, chegando ao ocidente mágico e ao continente africano.

tilibra

Há diferenças expressivas entre o texto do livro didático e o texto do resumo. Entre outras, destaco a que envolve a forma do texto e sua programação visual ou design. A interação entre texto verbal, texto visual, títulos e subtítulos e textos complementares é específica (atualmente) do livro didático, cujo teor não está sendo avaliado aqui quanto à qualidade e que é suporte para o texto da professora e o resultado da cópia pelo aluno. Assim, será examinado que ocorre com o texto e com o contexto material desse texto, do livro didático à transformação pelo professor até chegar ao caderno do aluno. Conforme aponta Batistaⁱⁱ, um texto muda a partir do momento em que muda o mundo social em que se introduz. Ao entrar na cultura escolar e em seus modos de funcionamento, um texto é “reconstruído e perde e ganha traços que podem ser reveladores dos processos sociais que nessa esfera se realizam”.

Vejamos agora o que ocorre no pólo da produção desse resumo, também tratado aqui como apropriação de conhecimento histórico escolar. O objetivo principal é o de observar o trabalho da professora sobre o texto do livro didático e suas escolhas, que inclui diferentes operações com a linguagem. O que orienta a professora em seu trabalho? Desde já aponto a economia prática de tempo na sala de aula (que define o menor tempo possível de transcrição) e a relevância do conteúdo. Fica implícita como referência a imagem do leitor que é o aluno, como veremos na análise.

Na tabela de emparelhamento, reproduzo os títulos e subtítulos do texto original especialmente pela intenção explícita de hierarquização e organização das informações presentes ali e do contraponto existente no texto modificado pela professora.

Texto do livro didático	<i>Texto resumido e adaptado pela professora</i>
<p>Trecho 1 Romaⁱⁱⁱ Das origens à república Na Antiguidade, a península Itálica era dividida em várias regiões, habitadas por diferentes povos. Numa dessas regiões foi fundada Roma, que depois expandiu seu território, conquistando</p>	<p>Parte 1 (dia 12/03)</p>

<p>toda a península e outras áreas do mundo antigo. Vejam algumas características geográficas da península Itálica, os principais povos que a ocuparam e o surgimento de Roma.</p> <p>Elementos geográficos A península Itálica fica no sul da Europa, estendendo-se pela parte central do mar Mediterrâneo. Seu território lembra o formato de uma bota.</p> <p>Povoadores A península Itálica era habitada desde tempos pré-históricos. Posteriormente, em diferentes épocas, diversos povos instalaram-se na região, entre eles destacam-se itálios, etruscos e gregos. Os itálios chegaram à península Itálica por volta de 2000 a .C. e ocuparam a Itálica central. Subdividiam-se em diversas tribos, como as dos latinos, dos volcos, dos équos, dos úmbrios, dos sabinos, dos samnitas etc. Os etruscos chegaram à Itália por volta do século VIII a .C. Ocuparam inicialmente a região central da Itália. Depois, expandiram seus domínios até regiões do norte. Já os gregos chegaram à Itália durante o movimento de colonização, em época próxima à chegada dos etruscos. Ocuparam a parte sul da península e fundaram várias cidades (Nápoles, Siracusa, Tarento, etc.), que ficaram conhecidas em seu conjunto como Magna Grécia.</p> <p>Roma: origens Por volta de 2000 a .C., os latinos – uma das tribos itálios - chegaram à Itália central e instalaram-se na região do Lácio, nas proximidades do rio Tibre. Fundaram ali várias aldeias, entre elas Roma. Posteriormente, os etruscos invadiram e conquistaram a região do Lácio. Sob o domínio etrusco, Roma consolidou-se como cidade. A partir de então, expandiu seus domínios pela península Itálica e, depois pelas terras em torno do mar Mediterrâneo, chegando até o Oriente Médio.</p>	<p style="text-align: center;">Roma</p> <p><i>A cidade de Roma fica situada na península Itálica, ao sul da Europa. Seu território lembra o formato de uma bota.</i> <i>A península Itálica era habitada desde tempos pré-históricos, mas posteriormente, em diferentes épocas, diversos povos instalaram-se na região. Entre eles destacam-se itálios, gregos e etruscos.</i> <i>Por volta de 2000 a .C., várias aldeias foram fundadas nesta região e entre elas, Roma. Mais tarde, os etruscos invadiram e conquistaram Roma. A partir de então, Roma consolidou-se como cidade expandindo seus domínios por várias regiões em torno do mar Mediterrâneo, chegando ao Oriente e ao continente africano.</i></p>
--	---

Obs: a cor igual corresponde aos trechos aproveitados pela professora, na produção do resumo. A cor rosa equivale a palavras ou trechos acrescentados.

Breve análise do trabalho sobre o texto

Vejam inicialmente alguns aspectos da transformação operada pela professora sobre o texto do livro, ao adaptá-lo para a transcrição em sala. Não realizarei uma análise exaustiva e sim buscando considerar dois aspectos. Primeiramente, estarei analisando interferências no sentido de melhorar a compreensão do aluno em sua leitura. Em segundo lugar, darei destaque para

aspectos que acentuem ou modifiquem as noções históricas desenvolvidas no texto original ou a outras interferências que tenham a ver com a temporalidade característica do discurso histórico.

Inicialmente, observemos que a expressão que marcaria inicialmente a época – *Na Antiguidade* (1ª linha) – foi retirada, descaracterizando o texto como específico do discurso histórico. Diversos outros marcadores de progressão temporal foram suprimidos, possivelmente em busca de redução da extensão do texto, o que produz o efeito de suspensão do tempo.

Outra mudança expressiva é colocação da cidade de Roma no primeiro plano desde o início do texto. A operação de personificação, criticada diversas vezes e que cria problemas de diversas ordens, vai criar uma ambigüidade, pois quando no texto original a referência ao “seu território” remetia à península Itálica, no resumo passa a referir-se a Roma. A operação realizada pela professora, entretanto, não é fortuita. Ela está constituindo Roma como referente do texto e conseqüentemente como sujeito histórico (abstrato), conforme poderemos observar adiante.

Quem fundou Roma? O uso de voz passiva em textos didáticos de História foi analisado por Orlandi^{iv} como um dos recursos para a indeterminação ou apagamento do sujeito histórico concreto. Efetivamente, é o que ocorre aqui. Como o referente do texto é Roma, os criadores humanos da cidade se tornam secundários. Como a característica de focalizar Roma como sujeito histórico acima dos sujeitos humanos já estava presente no texto do livro didático em alguns trechos, com a adaptação ela se torna quase absoluta.

Se examinarmos a estrutura dos períodos antes e depois da transformação realizada pela professora, é possível perceber que muitos desses períodos passam de períodos compostos para períodos simples e há substituição vocabular por outro supostamente mais simples:

LD: A península Itálica fica no sul da Europa, estendendo-se pela parte central do mar Mediterrâneo.
RE: A cidade de Roma fica situada na península Itálica, ao sul da Europa.

Esta estrutura que evidencia preferencialmente uma dupla simples de informações interna ao período ou oração vai permitir a exploração de relações entre as partes da dupla (fazendo uma correspondência biunívoca entre elas) nos exercícios, culminando na prova do primeiro bimestre (na maioria das questões).

A estrutura conferida ao texto resumido pressupõe um leitor limitado em sua capacidade de leitura e, por conseguinte, de compreensão. Efetivamente, o texto resumido se aproxima do formato dos textos de cartilha, com uma estrutura de frase reduzida, com a repetição do sujeito Roma (não há substituição ou anáfora). Talvez aqui se explique o fato da professora não entrar como mediadora entre o texto e o aluno leitor. Parece que ela supõe que, após as “simplificações” produzidas, o texto seja auto-explicativo. Mais que isto, está pronto para uso nos exercícios subseqüentes e na prova.

A ausência de livros didáticos na escola, fato recorrente, parece decretar a impossibilidade desses alunos terem acesso ao material impresso na disciplina de História (pelo menos nesse momento inicial). Mais que isso, estabelece poderosos limites para seu acesso ao conhecimento histórico escolar e a suas formas de hierarquização e organização do conhecimento enquanto texto escrito. Como vemos, o único título do texto modificado é Roma, enquanto o texto original comporta diferentes títulos e subtítulos, que se propõem a organizar a leitura. Parágrafos também são suprimidos e os textos paralelos dos boxes idem, bem como as imagens que abrem os capítulos e interagem com o texto verbal.

Além disso, na transcrição, o aluno também refaz a programação visual do texto em seu caderno e produz modificações que não reconhece. Ocorrem trocas e supressões de letras que comprometem a compreensão. Quando a península Itálica

se torna *Fatálica*, etruscos se transformam em *estrucos* e palavras não tão usuais como *posteriormente* e *consolidou-se* são escritas com omissões e trocas de letras, aumenta o risco de o aluno, em uma leitura individual e sem orientação ou comentários, não compreender o escrito em sua integralidade.

Um texto resumido, segundo a tradição escolar, é expandido na explicação oral do professor^v. No caso, as informações que a professora julgasse fundamentais e que não estivessem contidas no resumo, poderiam ser apresentadas em uma exposição da mesma. Assim, se não há essa exposição, isto pode estar assentado na compreensão de absoluta clareza do texto (a partir de suas modificações), na irrelevância dos conteúdos excluídos bem como na economia docente.

Foram excluídos do texto original (desta aula e das seguintes): diferentes detalhamentos (sobre os povos que ocuparam a península, sobre os poderes da república, sobre o império). Não foram oferecidos: a tensão entre partes excluídas (entre os poderes da república, entre grupos sociais); os sujeitos de carne e osso da história; diferentes marcadores de intensidade, de localização e de temporalidade. Parece que a professora compreende que a melhor (ou única) maneira de ensinar/fazer aprender História está no caminho apresentado sinteticamente acima. Nesse caminho, ela economiza conhecimento, pois está sempre amparada em um texto didático já elaborado (no qual ela interfere ao resumir, mas sem assumir a autoria) e discurso. A economia discursiva se dá em duas frentes. A primeira está em que não precisa elaborar seu próprio discurso, lendo o texto em sala ou nem mesmo lendo-o, usando-o para preparar os exercícios e provas. A segunda está em trabalhar com a seleção de informações que permaneçam na superfície discursiva, sem exigir ou apresentar, relações mais complexas do conhecimento histórico.

A professora entende que estes alunos não conseguem compreender um nível maior de elaboração do conhecimento. Aqui parece interferir o acento apreciativo apontado por Bakhtin^{vi}, que pode envolver desde o preconceito, quando a professora conclui previamente que ali não é o lugar para os mais velhos, por estarem defasados,

até uma concepção limitadora da relação com o conhecimento e com a leitura por parte dos alunos.

Para a maioria dos alunos, o texto resumido não era referência para responder à pergunta sobre o tema de estudo, de acordo com questionário da pesquisa. Talvez tivesse sido lido no aspecto mais restrito da inteligibilidade, permitindo a transcrição, o que não garantia sua interpretação e nem sua compreensão^{vii}. Por outro lado, mesmo após os exercícios realizados entre o mês de março e de abril, os resultados que os alunos obtiveram na prova que avalia a aprendizagem do conteúdo “Roma”, a maior parte dos alunos teve um resultado ruim no bimestre. O que essa leitura individual de um texto simplificado, em busca de informações pontuais, pode ter propiciado em termos de compreensão a esses alunos? Somente dois alunos ao final do bimestre, que conseguiram notas mais altas, afirmaram ter aprendido História, mas não sabiam bem o quê.

A análise do material de leitura que é o resumo, no contexto da pesquisa em andamento, permitiu concluir preliminarmente que a falta de recursos como o livro didático aciona estratégias como a formulação de resumos como o analisado aqui, o que confere à aula e à interação entre professor e aluno determinado leque de possibilidades. Além disso, cabe apontar que as diferentes práticas de leitura na aula de História necessitam interagir permanentemente com práticas orais, que são a base para a interação entre professor e aluno.

ⁱ O texto citado é do livro de COTRIM, G. *Saber e Fazer História: História Geral e do Brasil*. 5ª série. São Paulo: Saraiva, 1999, pp.112-113

ⁱⁱ BATISTA, A A G. *O ensino de Português e sua investigação: quatro estudos exploratórios*. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, 1996, Tese de Doutorado em Educação, p. 287.

ⁱⁱⁱ O primeiro capítulo sobre Roma, apresenta a localização, a origem e os aspectos políticos e sociais de Roma Antiga, da monarquia ao fim do Império Romano. Roma II apresenta o legado cultural de Roma Antiga, subdividido em Direito, Artes, Pão e Circo e Religião.

^{iv} Orlandi, E.P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996, p.66.

^v Batista, no mesmo texto citado, desenvolve o tema do uso de textos resumo por professores de Português, concluindo que, quando é apresentado em um livro didático, esse tipo de texto suponha a apresentação prévia do conteúdo pelo professor.

^{vi} BAKHTIN, Mikail.(assinado por VOLOSHINOV.V) *Marxismo e filosofia da Linguagem*. São Paulo:Hucitec, 1992.

^{vii} Distinção de acordo com a proposta de Orlandi, para quem a inteligibilidade tem a ver com a decodificação, a interpretação com a atribuição de sentido levando-se em conta o contexto lingüístico e a compreensão com a atribuição de sentido considerando o processo de significação no contexto de situação. Do mesmo modo, também penso na capacidade de responder à pergunta de acordo com a premissa bakhtiniana de responsividade.